

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

A ECONOMIA DOS SETORES “NÃO-ESSENCIAIS” EM PORTO ALEGRE

Gabinete do Vice-Prefeito

Daniel Vancin

Sebastião Ventura

Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo

Felipe Garcia Ribeiro

Guilherme Stein

Marcelo Ayub

20 de março de 2021

Conteúdo

1	INTRODUÇÃO	1
2	Mercado Formal	5
2.1	A Estrutura do Mercado Formal dos Setores Selecionados	5
2.2	Desempenho do Emprego Formal em Porto Alegre na Pandemia	8
3	O mercado informal de Porto Alegre	13
4	Setores “não-essenciais” e sua relevância para a população mais vulnerável	15
5	Consequências gerais da recessão	18
6	Considerações Finais	21

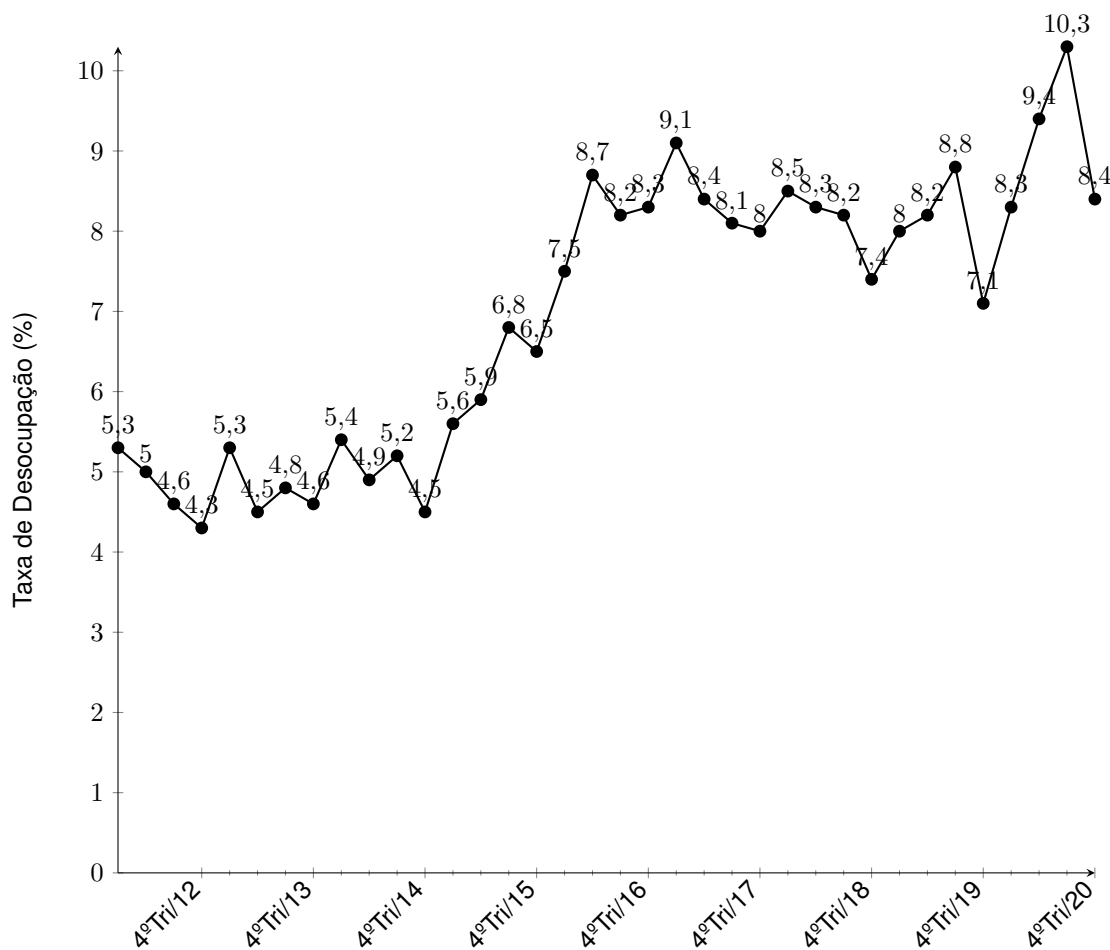
1 INTRODUÇÃO

O impacto da pandemia da Covid-19 é notoriamente global (Nicola et al., 2020; Fernandes, 2020; McKee and Stuckler, 2020; Ozili and Arun, 2020), não estando o Rio Grande do Sul imune ao fenômeno. Experimentamos o recorde histórico de desocupação da força de trabalho, que alcançou a taxa de 10,3% no terceiro trimestre de 2020, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A retração do PIB gaúcho, de acordo com o Departamento de Economia e Estatística, da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (DEE/SPGG) do Estado, foi de 7%, contra 4,1% do país como um todo (IBGE).

Dado o cenário negativo acima exposto para o Rio Grande do Sul, a presente nota técnica centra a sua análise em dados econômicos de Porto Alegre, abrangendo setores classificados como não essenciais de acordo com o modelo de distanciamento controlado desenvolvido pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul. O objetivo central está em documentar o contingente de empresas e trabalhadores de setores representativos da economia de Porto Alegre que estão sendo negativamente atingidos pela pandemia de forma mais acentuada. A análise é conduzida sempre com a maior atenção possível para prováveis efeitos heterogêneos em função do perfil socioeconômico dos trabalhadores.

Para tanto, este relatório tem a seguinte estrutura de apresentação. Na segunda seção, a partir da última base de dados disponível da Relação Anual de Informações Sociais do Ministério da Economia (RAIS-ME, 2019), serão reportadas estatísticas que retratam o mercado formal de trabalho dos setores classificados como não essenciais. Neste ponto, as informações serão sobre volume de emprego, média e massa salarial, sempre desagregando por algumas características importantes.

Figura 1: Taxa de Desocupação do RS

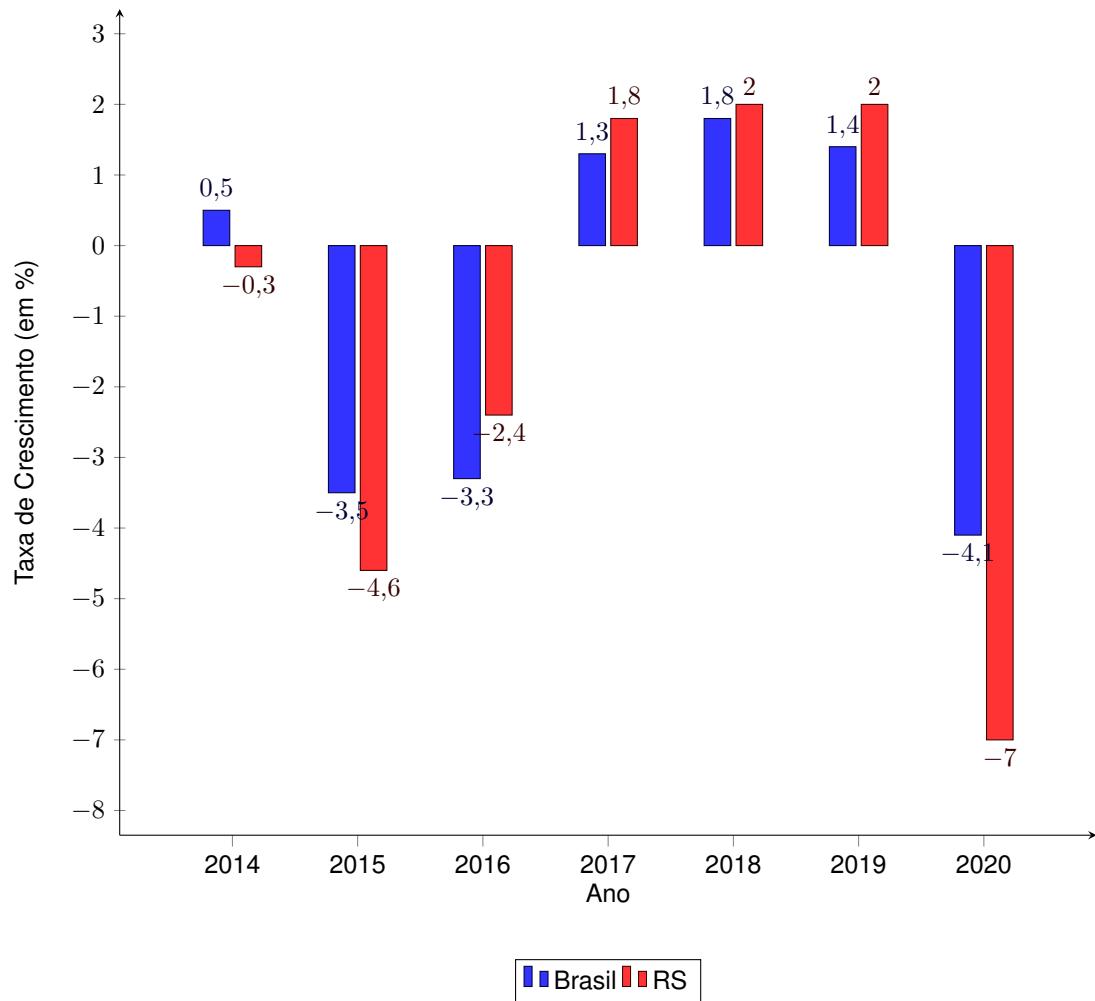


Fonte: PNAD contínua. Elaboração Própria.

Ainda na segunda seção, documenta-se a evolução da variação líquida do emprego desde o começo da pandemia (março de 2020) até a última base de dados disponível (janeiro de 2021), obtida através do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), também elaborado pelo Ministério da Economia. Adianta-se aqui que a maior parte do emprego perdido no período - a diferença entre contratações e demissões - está concentrada nos setores tidos como não essenciais.

Seguramente RAIS e CAGED são duas das principais fontes de dados sobre o mercado de trabalho brasileiro, porém refletem apenas o lado formal da nossa economia. Países como Brasil são marcados pela dualidade de suas economias. Ainda que existam diferentes métricas para mensuração de informalidade para o mercado de trabalho, é seguro afirmar que aproximadamente 40% dos trabalhadores são informais. Informalidade é especialmente marcante em setores como serviços e comércio. Assim, na terceira seção do relatório será feita uma análise das condições do mercado informal de trabalho em Porto Alegre e Região Metropolitana a partir dos Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADc) do quarto trimestre de 2020.

Figura 2: Crescimento do PIB: Brasil × RS



Nota: Taxa acumulada em quatro trimestres.

Fonte: Departamento de Economia e Estatística e IBGE. Elaboração Própria.

Na quarta seção, realizamos uma inspeção com dados que foram cruzados entre a base do Cadastro Único (CadÚnico) e dados da Junta Comercial de Porto Alegre, que contém informações sobre Microempreendedores Individuais. O CadÚnico é sabidamente a mais importante ferramenta social do país para distribuição e focalização dos programas sociais por conter informações de uma parcela importante das famílias em situação de vulnerabilidade. A análise revela que, dos indivíduos registrados no CadÚnico e inseridos no mercado de trabalho como Contas-Próprias formais – leia-se, MEIs – parcela importante está em atividades laborais ligadas às atividades econômicas classificadas como não essenciais.

A quinta seção traz alguns pontos importantes observados em outros estudos sobre efeitos de crises econômicas em diversos aspectos de qualidade de vida e desenvolvimento humano, bem como desafios adicionais que uma recessão prolongada suscita para o crescimento econômico de longo prazo. Por fim, estão as considerações finais.

O efeito da pandemia, no ambiente econômico, pode ser entendido como o resultado de um choque negativo na economia, totalmente não usual, que atinge simultaneamente a demanda e a oferta agregada, de uma forma que os efeitos negativos de ambos atuam sinergicamente. As restrições sobre funcionamento das atividades econômicas e circulação de pessoas representam um choque na oferta agregada que desorganiza a produção da economia. A queda nas atividades reverbera na capacidade de geração de renda, que por sua vez, afeta negativamente a demanda. Os malefícios à saúde causados pela pandemia afetam a oferta na medida em que minoram a produtividade e a disponibilidade de pessoas no mercado de trabalho. Enfim, há uma porção de elos que ligam e interligam a crise de saúde que a COVID-19 gera com a demanda e a oferta da economia.

Os desafios epidemiológicos e de saúde pública, bem como todos os dados de saúde, são amplamente divulgados pelas secretárias competentes sobre a temática. Este relatório é o primeiro esforço da Prefeitura de Porto Alegre, desde o início da pandemia, em trazer dados sobre a situação econômica da cidade, com ênfase nos setores provavelmente mais afetados, em parte por serem os setores mais suscetíveis a restrições de funcionamento.

A ideia central que norteia a realização deste documento não é, de forma alguma, minimizar a preocupação e os cuidados com a saúde e os riscos epidemiológicos da pandemia em face da documentação de estatísticas que indiquem prejuízos econômicos. Entende-se que saúde e economia andam juntas. A documentação de cruciais dados econômicos do município de Porto Alegre preenche a lacuna que há para cidade sobre o que ocorre, e pode vir a ser intensificado, nos setores mais atingidos pela crise, justamente aqueles caracterizados como não essenciais.

Importante também mencionar que neste relatório não se estabelece relações causais entre medidas mais ou menos severas de restrições à circulação de pessoas e ao funcionamento de atividades e ao desempenho da economia. A identificação de causalidade entre variáveis políticas, econômicas e sociais não é tarefa trivial. Claramente, o processo gerador dos dados não está sob o controle do analista, o comum em muitas ciências, o que demanda dos investigadores a imposição de pressupostos e um tempo de maturação das ideias possível apenas com o tempo da pesquisa científica robusta e de boa qualidade. Mesmo assim, a análise de estatísticas que descrevem o problema serve, e muito, para a construção de um diagnóstico.

Por último, o trabalho foi conduzido no nível de seções da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE). Isso implica a existência de setores considerados essenciais pelo modelo de distanciamento controlado do estado dentro de algumas das seções da classificação. No geral das investigações realizadas, foram trabalhados dados das seções "Comércio", "Alojamento e Alimentação", "Atividades Administrativas e Serviços Complementares", "Artes, Cultura, Esporte e Recreação" e "Outras Atividades e Serviços".

2 Mercado Formal

Nesta seção, apresentam-se as características dos setores que englobam parcela considerável das atividades “Não-Essenciais”, com ênfase no mercado de trabalho. A análise terá duas partes: na primeira, descrevemos a situação dos setores utilizando microdados da Rais para o ano de 2019, o qual é o período mais recente cuja a informação está disponível. Na segunda parte, serão analisados os dados do Caged para o período da pandemia (entre março de 2020 até janeiro de 2021, o último mês disponível). Enquanto a primeira parte dá uma ideia da estrutura destes setores em Porto Alegre, a segunda apresentará o comportamento do mercado de trabalho destes setores para o período relevante.

2.1 A Estrutura do Mercado Formal dos Setores Selecionados

Para esta parte do estudo, foram utilizados os microdados da Rais para o ano de 2019. Além de apenas selecionar a cidade de Porto Alegre, os recortes feitos na amostra foram os seguintes: i) foram considerados apenas os vínculos de emprego que estavam ativos no dia 31 de dezembro de 2019; ii) a variável de rendimento atrelada ao vínculo é uma média dos salários dos últimos três meses¹; iii) foram desconsiderados os vínculos referentes a vagas de aprendiz; iv) considerou-se também apenas os vínculos cujas horas contratadas correspondessem a um trabalho em tempo integral, definido como no mínimo 30 horas semanas ou mais; v) exclui-se da análise todos os vínculos de trabalho com empresas cuja natureza jurídica não correspondiam a empresas privadas. Após esse recorte, o total de observações da base de dados, que originalmente tinha 695.243 vínculos, se reduziu para 328.179 observações. Cada observação da base representa um vínculo de trabalho ativo atrelado a alguma empresa.

Com base no anexo único do decreto estadual nº 55.782, de 5 de março de 2021, foram selecionadas Seções da CNAE cujo modo de operação autorizado, em particular de atendimento ao público, apresentavam restrições severas². As Seções selecionadas foram: i) *Alojamento e Alimentação*; ii) *Comércio e Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas*; iii) *Artes, Cultura, Esporte e Recreação* e iv) *Outras Atividades de Serviços*.

Delimitados o recorte amostral e setores a serem destacados, resta apresentar quais serão as estatísticas que serão descritas nessa seção. As variáveis escolhidas foram: total de vínculos por setor de atividade, massa salarial do setor (o produto entre o número de trabalhadores e o salário médio do setor), distribuição por sexo e idade, distribuição por nível educacional e por tamanho de estabelecimento.

¹ Exclui-se os rendimentos nulos e também os valores correspondentes ao centil mais alto da distribuição de renda.

² Optou-se por excluir da análise o setor de Educação devido ao fato de que boa parte deste setor é representado por entidades públicas.

Os dados da Tabela 1 indicam as estatísticas descritivas dos dados de empregos formais em empresas particulares. Estes dados são do ano de 2019 (última publicação), fato que não inviabiliza a análise em nossa opinião. Observa-se que o setor de Comércio e Reparação de Veículos é o que mais emprega pessoas em Porto Alegre: 92.667 trabalhadores. O segundo lugar fica a cargo do setor de Alojamento e Alimentação, com 25.661 porto-alegrense empregados. Os dois setores somados correspondem a 36,06% do total dos empregos formais do município. E foram justamente estes setores que tiveram maiores restrições a seu funcionamento devido às regras estabelecidas pelo Estado.

Tabela 1: Estatísticas de Rendimento dos Setores (valores nominais)

Setores	Total de Pessoas	Salário Médio Mensal	Massa Salarial
Alojamento e Alimentação	25.661	R\$ 1.723,40	R\$ 44.224.106,01
Artes, Cultura, Esporte e Recreação	1.514	R\$ 1.706,36	R\$ 2.583.435,59
Comércio e Reparação de Veículos	92.667	R\$ 2.031,83	R\$ 188.283.535,81
Outras Atividades de Serviços	4.503	R\$ 1.879,01	R\$ 8.461.167,78
Total dos Setores	203.834	R\$ 2.427,68	R\$ 494.843.849,89
Total Geral	328.179	R\$ 2.249,98	R\$ 738.396.096

Nota: Salário Médio Mensal reportado é uma média simples dos últimos três meses de salário de 2019.

Fonte: Microdados da Relação Anual de Informações Sociais de 2019. Elaboração Própria.

Outro ponto interessante a ser analisado é o Rendimento Médio Mensal dos setores econômicos. O setor de Comércio e Reparação de Veículos apresenta valores superiores aos demais, representando sozinho 38,05% da Massa Salarial de Porto Alegre (para empregos formais em empresas privadas) - denotando mais uma vez a relevância e o possível impacto de restrições a seu funcionamento na economia da capital gaúcha.

Na tabela 2, os mesmos dados estão desagregados por gênero e idade. Observa-se que os setores de Alojamento e Alimentação possuem uma nítida predominância feminina. Já o setor de Comércio e Reparação de Veículos possui a menor média de idade. Estas informações são interessantes pelo fato de que a literatura econômica científica sobre mercado de trabalho demonstra a tendência de mulheres e mais jovens serem mais impactados por períodos de crise econômica.

Tabela 2: Distribuição por Sexo e Média de Idade

Setores	Homens	Mulheres	Média de Idade
Alojamento e Alimentação	11.182	14.479	35,1
Artes, Cultura, Esporte e Recreação	668	846	34,8
Comércio e Reparação de Veículos	48.685	43.982	34,2
Outras Atividades de Serviços	2.237	2.266	37,2
Total dos Setores	122.605	81.229	37,2
Total Geral	185.377	142.802	36,2

Fonte: Microdados da Relação Anual de Informações Sociais de 2019. Elaboração Própria.

Por tamanho da empresa, Tabela 5, observa-se que mais da metade dos empregos formais se concentra em micro e pequenas empresas - 51,74%. Possivelmente, estas são justamente as organizações mais impactadas por crises econômicas em razão de suas restrições financeiras, seja pela dificuldade de obtenção de crédito, ou pela ausência de recursos próprios.

Tabela 3: Distribuição de Vínculos por Tamanho de Empresa

Setores	Micro	Pequena	Média	Grande
Alojamento e Alimentação	2.996	19.009	2.421	1.235
Artes, Cultura, Esporte e Recreação	297	1.092	125	0
Comércio e Reparação de Veículos	12.594	50.015	19.144	10.914
Outras Atividades de Serviços	1.281	2.055	681	486
Total dos Setores	13.751	66.713	49.421	73.949
Total Geral	30.919	138.884	71.792	86.584

Fonte: Microdados da Relação Anual de Informações Sociais de 2019. Elaboração Própria.

Na tabela 4, apresenta-se o emprego formal por nível de escolaridade. Nota-se que o grupo mais representativo é o de trabalhadores que possuem o Ensino Fundamental Completo (53,15% do total). Nos setores de Alojamento e Alimentação e Comércio e Reparação de Veículos, este grupo também representa a maioria. Conforme a literatura sobre o tema, empregados com menor escolaridade ou menor qualificação são mais suscetíveis a perda de emprego em momentos de *stress* econômico.

Tabela 4: Distribuição de Vínculos por Escolaridade

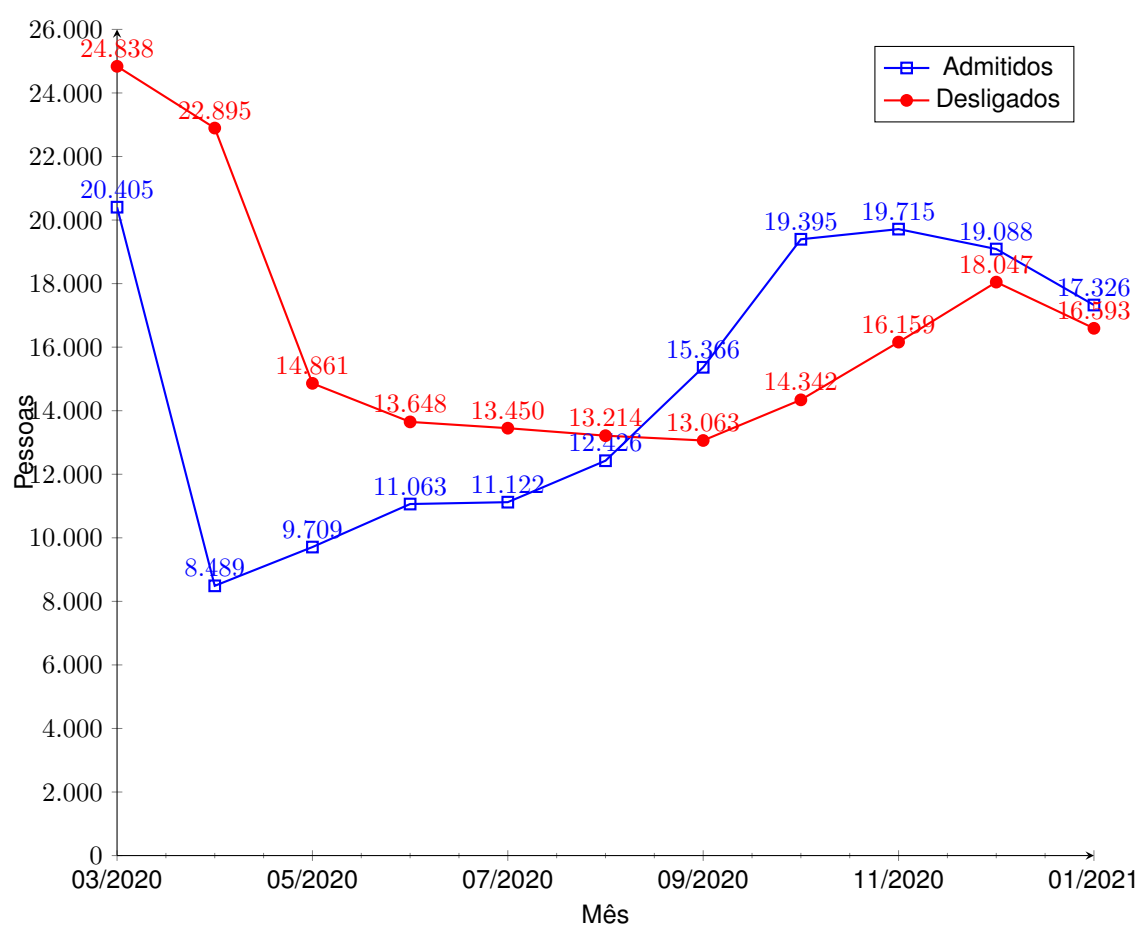
Setores	Analfabeto	Fund. Inc.	Fund. Comp.	Ensino Médio Inc.	Ensino Médio Comp.	Superior Inc.	Superior Comp.
Alojamento e Alimentação	53	3.016	14.546	3.636	2.336	1.224	850
Artes, Cultura, Esporte e Recreação	3	75	664	93	41	504	134
Comércio e Reparação de Veículos	83	8.598	57.023	7.266	5.139	8.568	5.990
Outras Atividades de Serviços	9	357	2.598	428	284	452	375
Total dos Setores	335	11.780	99.606	20.354	15.376	37.689	18.694
Total Geral	483	23.826	174.437	31.777	23.176	48.437	26.043

Fonte: Microdados da Relação Anual de Informações Sociais de 2019. Elaboração Própria.

2.2 Desempenho do Emprego Formal em Porto Alegre na Pandemia

Para descrever o desempenho do emprego no setor formal do mercado de trabalho de Porto Alegre, recorre-se aos dados do CAGED. Essa base de dados documenta mensalmente o número de indivíduos admitidos e desligados, bem como o saldo do total de admitidos. Como período da pandemia, considera-se o intervalo de tempo que vai de março de 2020 até janeiro de 2021, uma vez que este último representa o mês mais recente disponível na base de dados.

Figura 3: Admitidos × Desligados em Porto Alegre



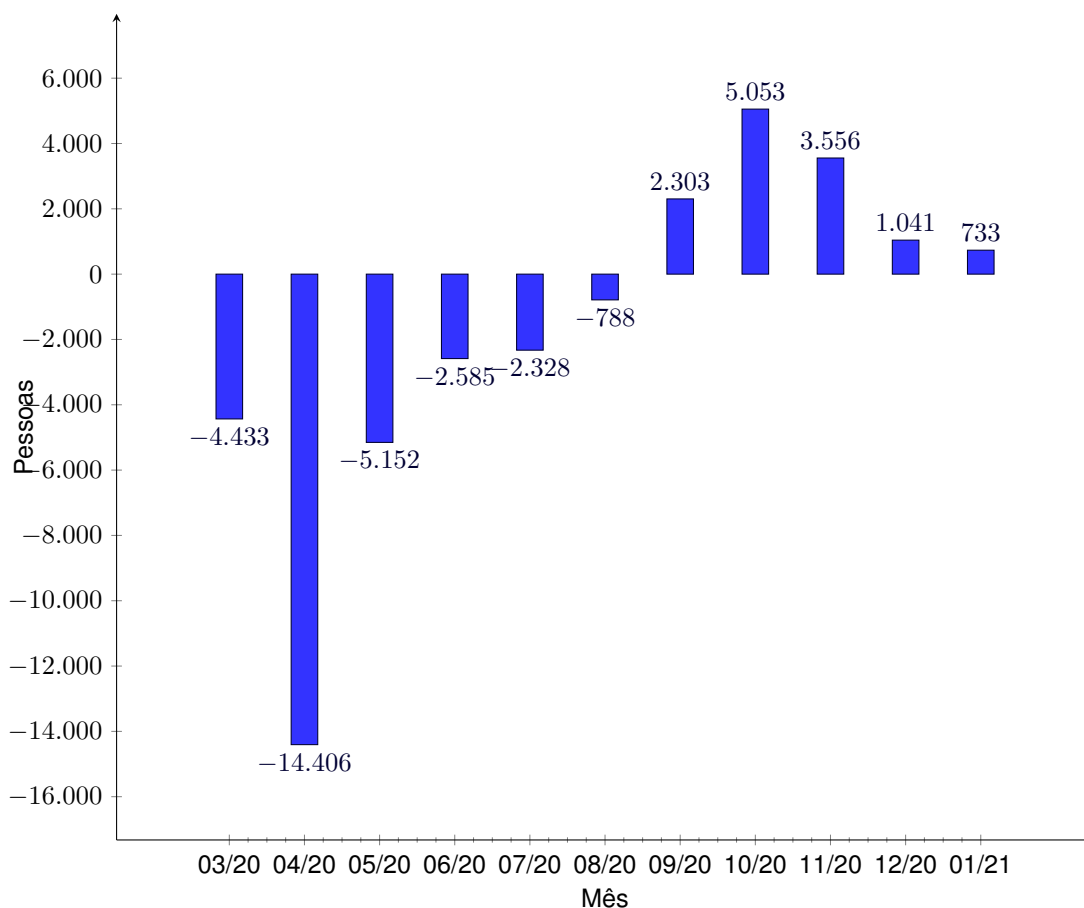
Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. Elaboração Própria.

Como se observa da Figura 3, houve pico de admitidos e desligados em março de 2020, começo da pandemia no Brasil. Este dado possivelmente reflete ainda um estado de certa “normalidade” no mercado de trabalho. O que se observa depois é uma queda acentuada na curva especialmente, mas não exclusivamente, no número de admitidos em Porto Alegre.

Após esta diminuição brusca, observa-se rapidamente uma retomada nos níveis de trabalhadores admitidos. Enquanto isso, a curva de trabalhadores desligados apresenta uma queda, porém mais suave, voltando a subir apenas a partir de outubro de 2020.

Já na Figura 4, Está o saldo líquido de admitidos mensalmente, ou seja, o resultado da subtração entre o número de trabalhadores admitidos e o número de desligados. Assim, nota-se o relevante saldo negativo justamente nos meses que tiveram maiores restrições à circulação de pessoas, bem como o funcionamento de atividades econômicas.

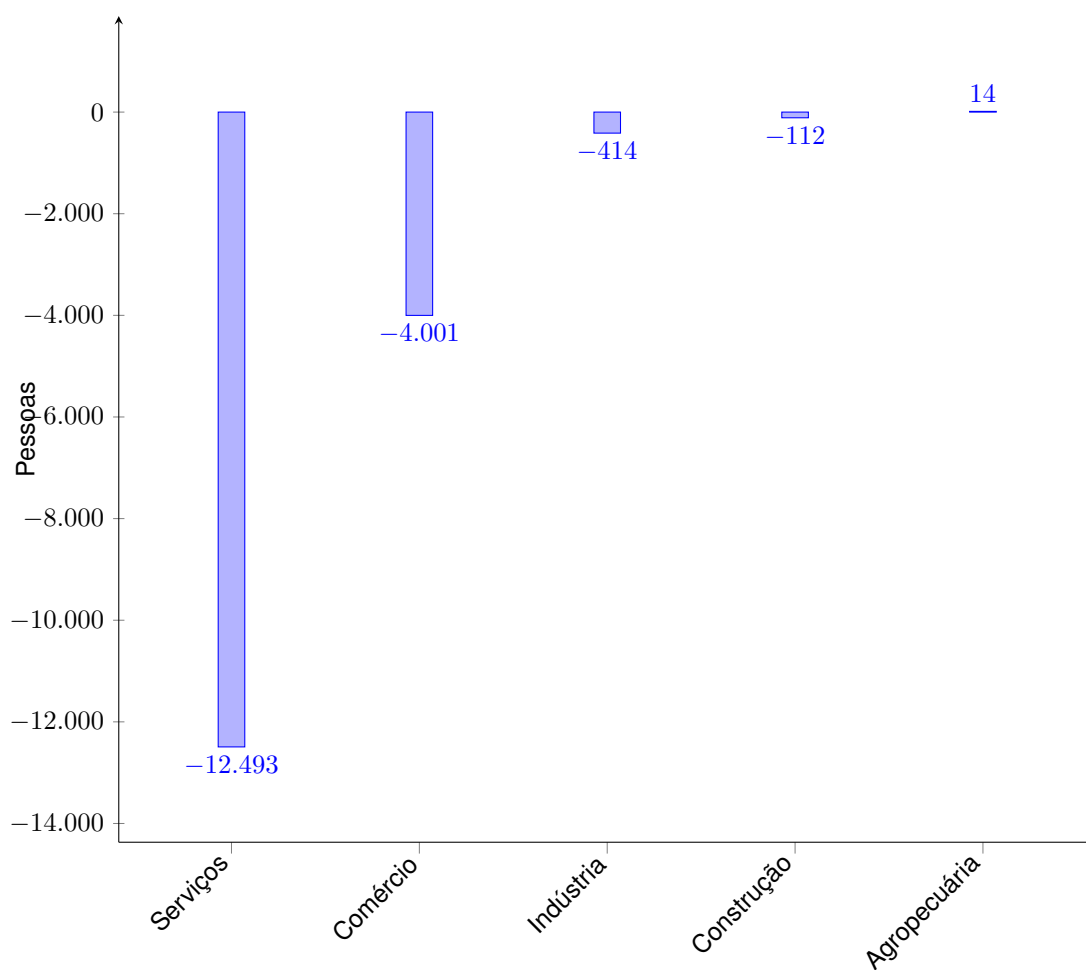
Figura 4: Saldo Líquido de Admitidos em Porto Alegre



Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. Elaboração Própria.

A figura 5 segrega o saldo líquido de admitidos por setor econômico. Observa-se que a quase totalidade de postos de trabalho perdidos concentra-se nos setores de Serviços e Comércio - justamente aqueles que foram impactados de forma mais direta pela restrição de circulação de pessoas e abertura por parte do Estado.

Figura 5: Saldo por Grandes Setores do IBGE



Nota: Dados referentes ao período de março de 2020 até janeiro de 2021.
 Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. Elaboração Própria.

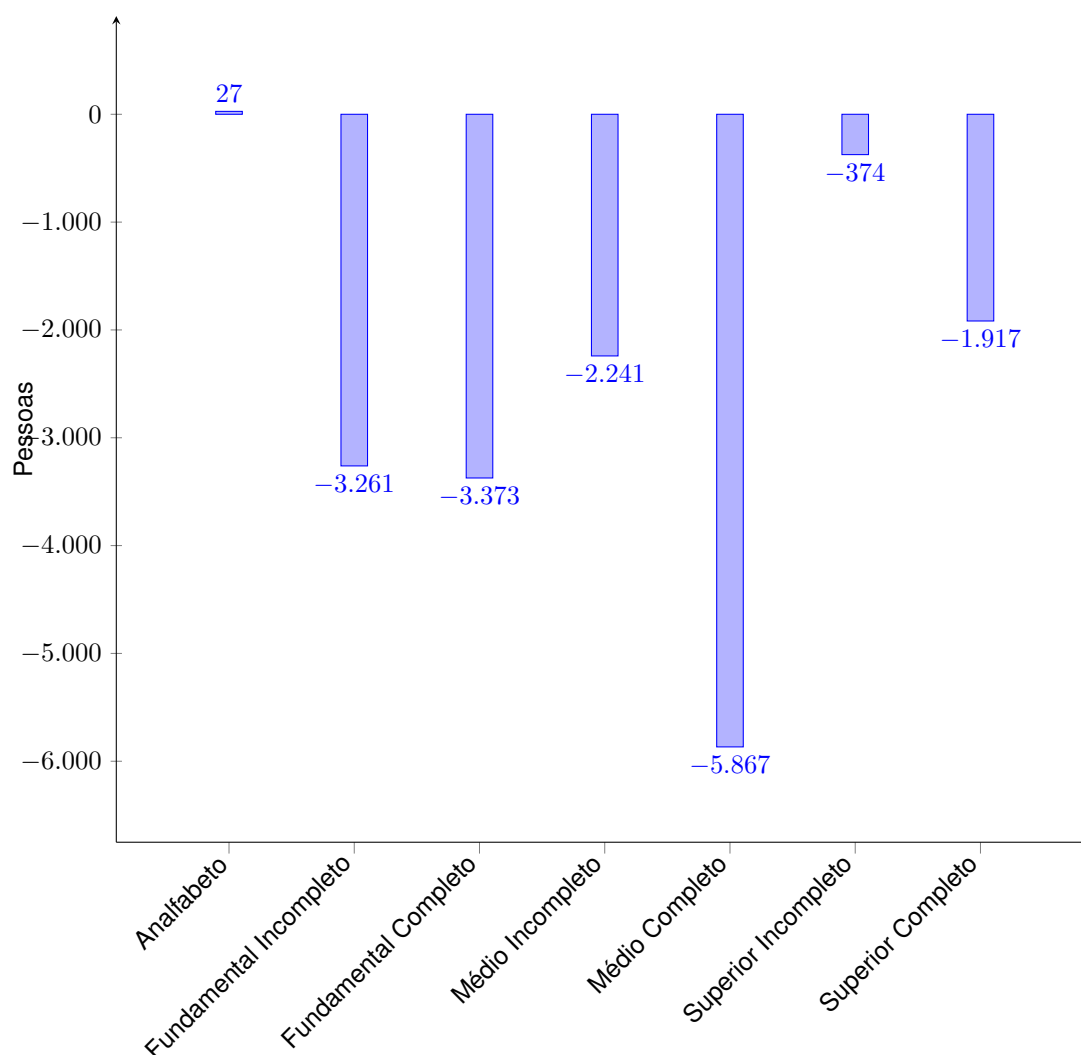
A tabela 5 carrega o mesmo tipo de análise, porém abrindo em alguns subsetores.

Tabela 5: Admitidos, Desligados e Saldo por Grandes Setores do IBGE

Grande Grupamento	Admitidos	Desligados	Saldo
Serviços	107.380	119.873	-12.493
<i>Alojamento e Alimentação</i>	6.868	14.176	-7.308
Comércio	36.323	40.324	-4.001
<i>Comércio Varejista</i>	28.539	31.457	-2.918
Indústria	7.551	7.965	-414
Construção	12.571	12.683	-112
Agropecuária	279	265	14
Total	164.104	181.110	-17.006

Nota: Dados referentes ao período de março de 2020 até janeiro de 2021.
 Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. Elaboração Própria.

Figura 6: Saldo de Admitidos por Nível Educacional

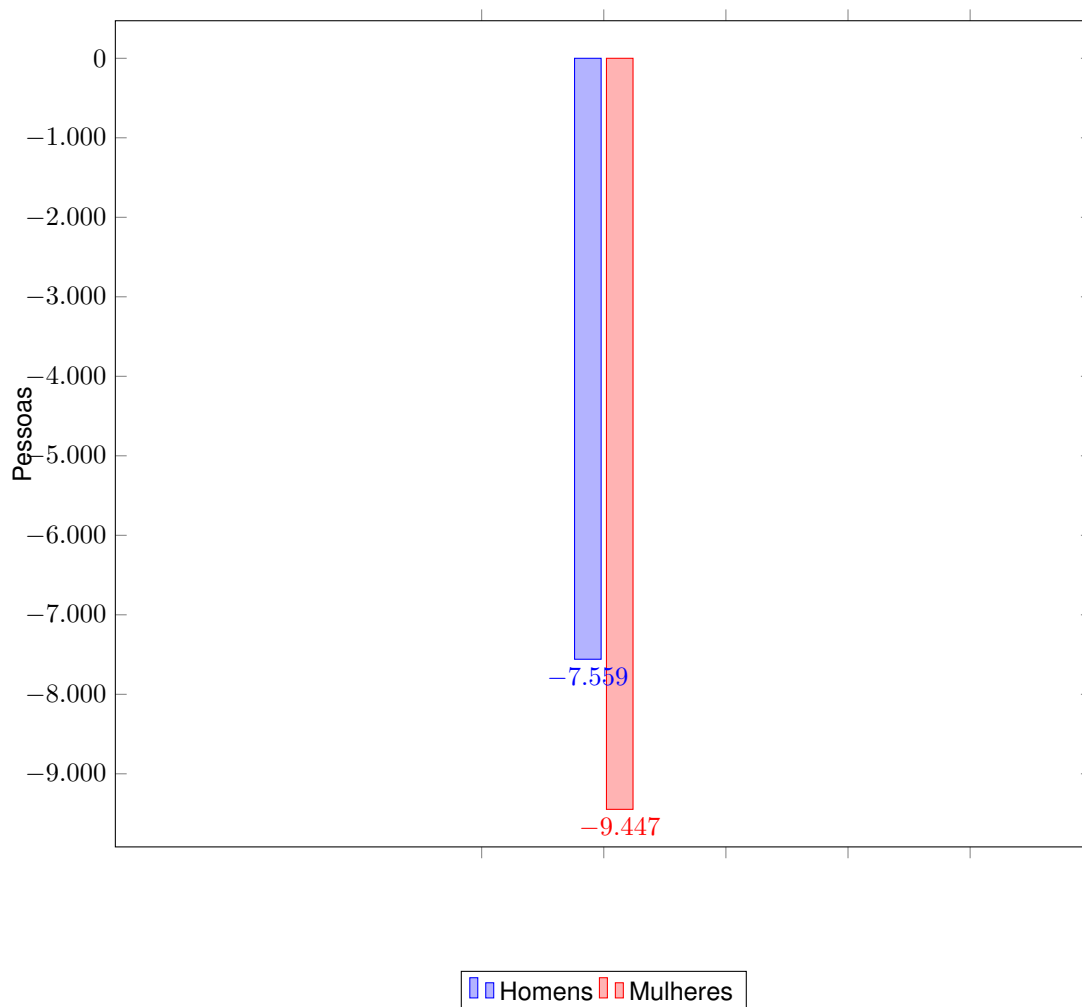


Nota: Dados referentes ao período de março de 2020 até janeiro de 2021.
 Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. Elaboração Própria.

Em geral, grupos de trabalhadores com níveis menores de instrução formal tendem a apresentar taxas mais altas de desemprego. Durante a recessão econômica decorrente da pandemia, era esperado que este padrão se ampliasse. Como se verifica na figura 4, que apresenta o saldo de empregos criados desde início do período de pandemia até janeiro/2021, as faixas de escolaridade que mais padeceram com demissões foram dos níveis Fundamental Completo, que apresentou saldo negativo de 3.373 vagas, e Médio Completo, que exibiu saldo negativo de aproximadamente 5.900 empregos. Alguns fatores-chave potencialmente contribuem para o impacto desproporcional dos efeitos decorrentes das medidas de restrição de circulação sobre trabalhadores com diferentes níveis de educação. Via de regra, trabalhadores com maiores níveis de escolaridade possuem empregos que envolvem menor contato interpessoal e, por conseguinte, como melhor capacidade de exercerem seus ofícios remotamente. Por outro lado, trabalhadores de baixa instru-

ção usualmente executam trabalhos manuais, de sorte que que medidas restritivas de circulação e distanciamento afetam diretamente suas possibilidades de desempenhar suas atividades.

Figura 7: Saldo de Admitidos por Sexo



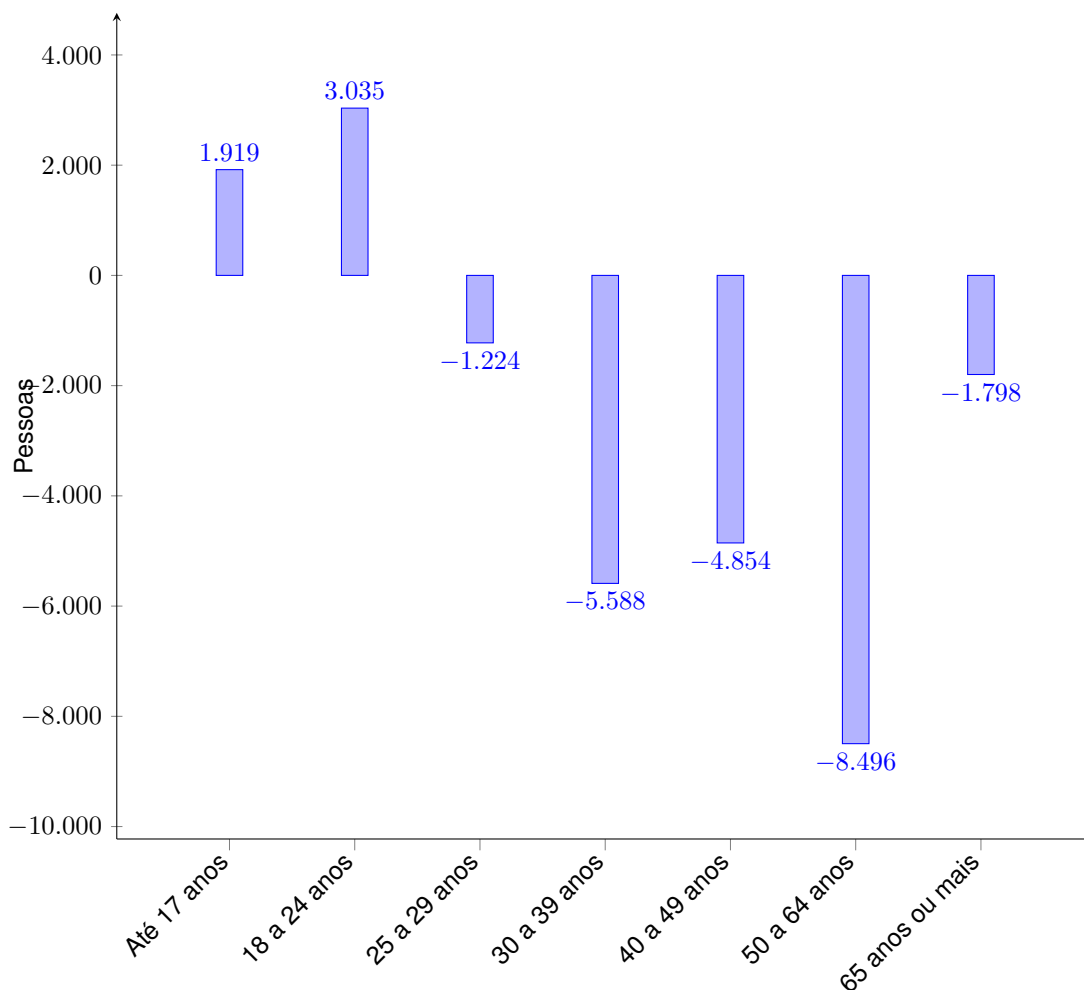
Nota: Dados referentes ao período de março de 2020 até janeiro de 2021.
Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. Elaboração Própria.

A figura 7 apresenta os dados do saldo líquido de admitidos por sexo. Observa-se que mulheres tiveram uma redução mais acentuada nos postos de trabalhos formais do que homens. Este fenômeno é particularmente preocupante em razão da menor inserção feminina no mercado de trabalho e da natureza mais vulnerável das posições ocupadas por mulheres na força de trabalho.

Por fim, a figura 8 também apresenta os dados do saldo líquido de admitidos, porém agora agregados por idade. Neste ponto mais um dado preocupante: a faixa etária que mais perdeu postos de trabalho formal foi aquela dos 50 à 64 anos. Ou seja, profissionais com uma certa idade e que, usualmente possuem mais dificuldades para se recolocarem no mercado de trabalho (fenômeno observado no Brasil e no mundo) foram aqueles que mais perderam empregos durante o período

da pandemia e da restrição da circulação.

Figura 8: Saldo por Grupo de Idade



Nota: Dados referentes ao período de março de 2020 até janeiro de 2021.
Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. Elaboração Própria.

3 O mercado informal de Porto Alegre

Nesta seção, são explorados dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNADc/IBGE). Em função da natureza amostral da pesquisa, neste etapa do relatório, opta-se pela condução das análises para a Região Metropolitana de Porto Alegre, de modo a obter maior grau de confiabilidade nas estimações em função da maior amostra de trabalhadores. Desagrega-se os tipos de trabalhadores apenas entre Contas-Próprias Informal e Trabalhador Informal. O primeiro grupo é composto por indivíduos que declaram ser empregadores ou Contas-Próprias, mas não possuem registro de pessoa jurídica e não contribuem para instituto previdência neste trabalho. Já o segundo grupo é composto por trabalhadores que não possuem carteira assinada.

Tabela 6: Estatísticas de Rendimento do Setor Informal

Informais	Total		Renda Média		Massa Salarial	
	4ºT/2019	4ºT/2020	4ºT/2019	4ºT/2020	4ºT/2019	4ºT/2020
Contas-Próprias	248.952	237.464	R\$ 1.583,88	R\$ 1.606,00	R\$ 403.017.938,80	R\$ 381.393.305,04
Trabalhadores	274.432	208.375	R\$ 1.786,34	R\$ 1.834,00	R\$ 501.087.249,25	R\$ 382.076.400,00

Nota: a valores de dez/2020 (IPCA)

Fonte: Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (IBGE) - 4º Trimestre de 2019 e 2020. Elaboração Própria.

Da tabela acima, é impositivo notar que o aumento da renda média observado, entre o final de 2019 e o final de 2020, decorre, provavelmente, da saída de trabalhadores da força de trabalho. O número absoluto de trabalhadores Contas-Própria informais alcançou, em dezembro do ano passado, aproximadamente 237.000 pessoas. Em comparação ao mesmo trimestre do ano passado, redução de 4,6% de pessoas enquadradas como Contas-Próprias. Do mesmo modo, no 4º trimestre de 2020, a região metropolitana de Porto Alegre contava com cerca de 208 mil trabalhadores sem carteira assinada, o que representa uma redução de aproximadamente 24% dos informais em relação ao mesmo período em 2019. Ademais, não é possível verificar um movimento definido de migração dos trabalhadores que atuam na informalidade para o mercado formal, de modo que a estatística acima reforça uma hipótese preocupante sobre a significativa redução da massa salarial no Município de Porto Alegre.

Com efeito, tanto a renda média dos Contas-Próprias quanto dos trabalhadores informais apresentou crescimento. Em um cenário de estabilidade econômica, o dado representaria aumento de poder aquisitivo familiar, o que é desejável. Contudo, neste cenário de pandemia, a renda média das famílias aumenta devido a evasão da parcela mais vulnerável da população da força de trabalho, ao passo que famílias com renda mais elevada são capazes de preservar com maior facilidade o seu nível de renda.

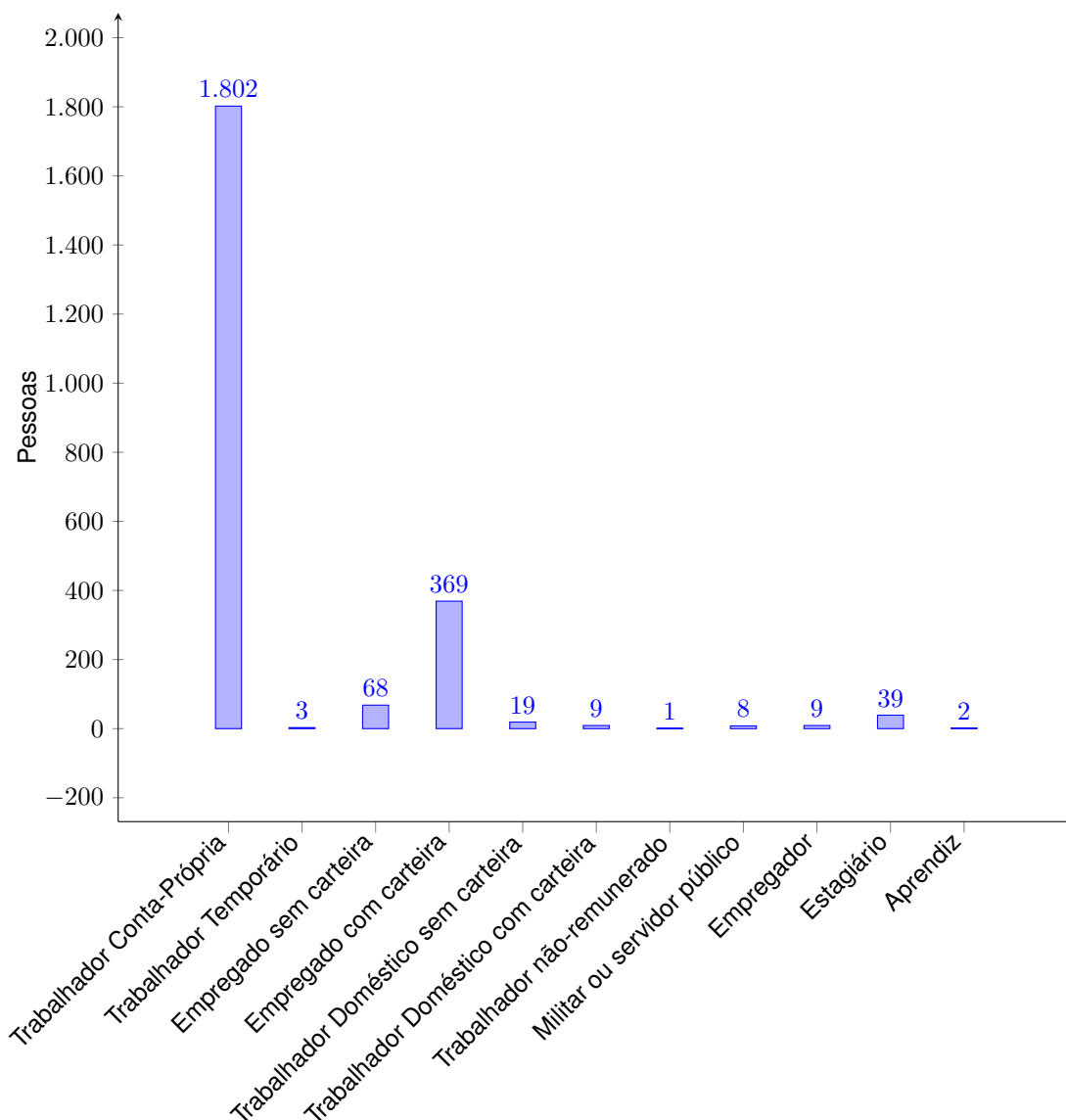
Além disso, a informalidade é amplamente ligada aos setores de serviços e comércio. Em razão da pandemia dificilmente esta diferença de trabalhadores não mais atuantes na informalidade deve ter sido absorvida pelo mercado formal. Mais provável que se encontrem na situação de desemprego ou fora do mercado de trabalho (não esteja exercendo uma atividade laboral tão pouco procura por uma). É lógico que está é uma situação preocupante, pois isso representa redução na capacidade de geração própria de rendimentos por um grupo de pessoas vulnerável.

4 Setores “não-essenciais” e sua relevância para a população mais vulnerável

Para que seja possível dimensionar o potencial efeito da pandemia e das medidas não farmacêuticas (*Non-pharmaceutical interventions*, NPI) de combate a COVID-19 na população de baixa renda, esta nota técnica explora os dados do Cadastro Único em Porto Alegre. O Cadastro Único é o banco de dados que registra os indivíduos e famílias que participam ou desejam participar de algum programa social do governo como, por exemplo, o Bolsa Família. Através dos dados identificados do cadastro único, é possível fazer um cruzamento com a base da Sala do Empreendedor desta cidade que contém informações sobre os Microempreendedores Individuais (MEIs). Ao se combinar as duas bases, foi possível descobrir quais indivíduos que têm uma MEI estão no Cadastro Único. Esse cruzamento permite mapear as características dos MEIs em situação vulnerável, em particular, sua renda do trabalho, renda per capita familiar e atividade econômica.

Ao todo, identifica-se 7.069 MEIs no Cadastro Único, dos quais 62,24% são mulheres. Muito embora possuam MEI, nem todos os indivíduos declararam estar ocupados. Apenas 33% dos MEIs afirmaram estar ocupados quando se registram no Cadastro Único. O gráfico abaixo apresenta a função principal da ocupação dos MEIs que se declararam ocupados. Como se pode perceber, a grande maioria dos MEIs desse grupo são trabalhadores Conta-Própria, os quais tendem a ser mais vulneráveis a choques negativos na atividade econômica, em particular, aqueles provocados pela COVID-19 e pelos efeitos colaterais das políticas NPI.

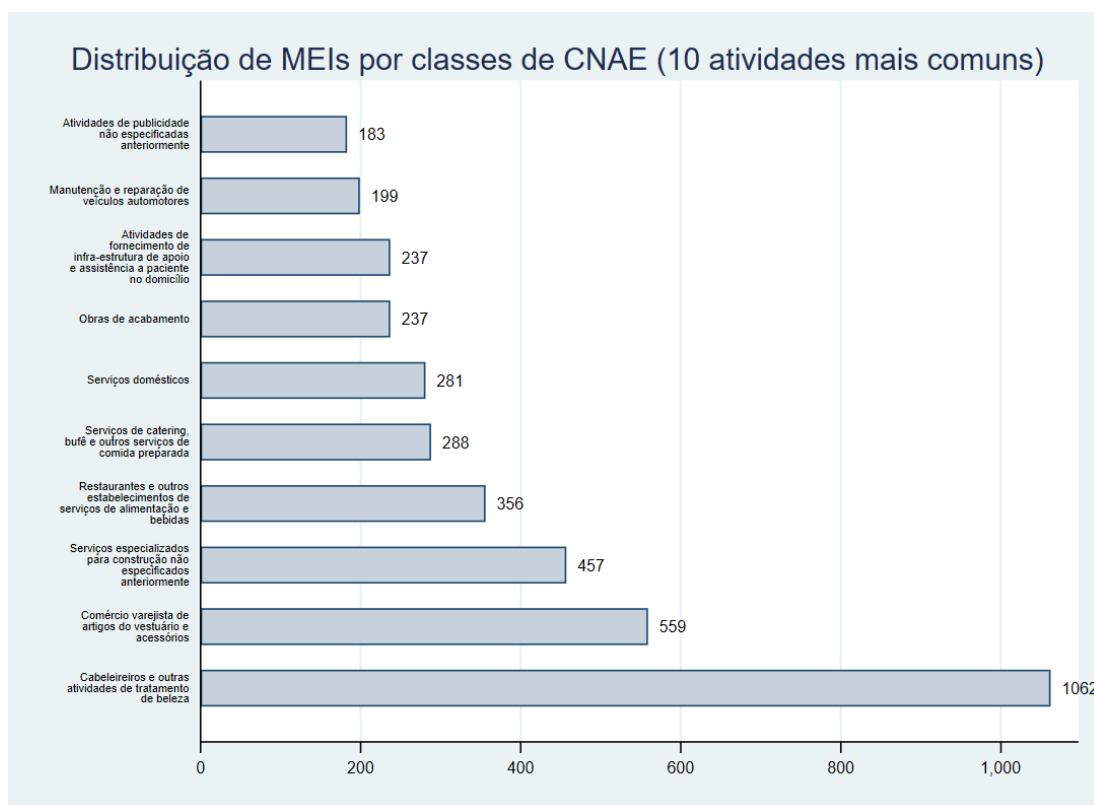
Figura 9: Distribuição dos MEIs Ocupados por Função Principal



Nota: Dados referentes a extração do Cadastro Único em dezembro de 2020.
 Fonte: Cadastro Único. Elaboração Própria.

A fragilidade deste grupo fica mais perceptível ao se observar o gráfico 10, que mostra atividades às quais as MEIs se destinam. Neste gráfico, se coloca a distribuição das MEIs pelas 10 CNAEs (5 dígitos) mais frequentes. A CNAE mais comum entre os MEIs é a atividade *Cabelereiros e outras atividades de tratamento de beleza*, a qual é uma das mais prejudicadas durante momentos de agravamento da pandemia. De fato, as 5 atividades mais frequentes são todas prejudicadas pela COVID-19 e pelas restrições a atividade econômica.

Figura 10: Distribuição de MEIs pelas 10 CNAEs mais Frequentes

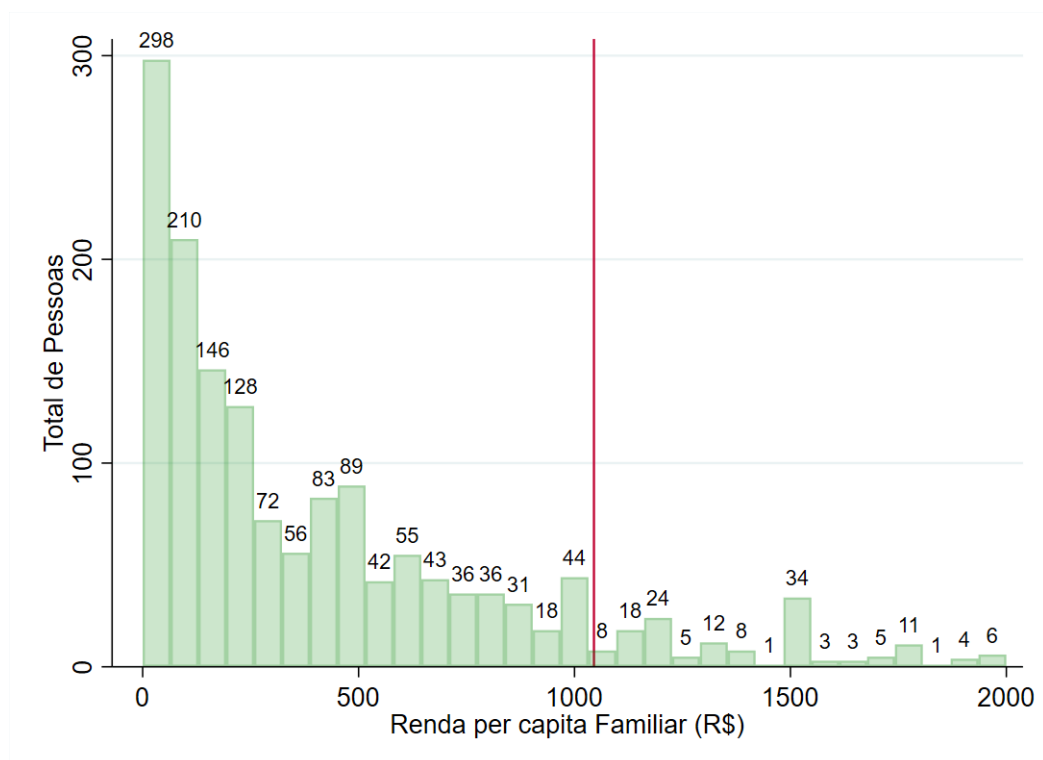


Nota: Dados referentes a extração do Cadastro Único em dezembro de 2020.

Fonte: Cadastro Único. Elaboração Própria.

Esse fato se torna ainda mais preocupante quando se olha para a renda desses indivíduos. A figura 11 mostra a distribuição de renda dos MEIs chefes de domicílio que se declararam ocupados e a linha vermelha indica o valor do salário mínimo vigente em 2020. Percebe-se que a maior parte da amostra (aproximadamente 75%) consiste em famílias que vivem com menos de 600 reais per capita por mês. De fato, a renda per capita mediana dessas famílias é de 250 reais/mês e a renda per capita média é R\$ 434,25. O eventual fechamento da atividade dessas pessoas em função da COVID-19 teria, muito provavelmente, um efeito marginal considerável no fluxo de renda familiar.

Figura 11: Distribuição da Renda Familiar Per capita entre os MEIs ocupados



Nota: Dados referentes a extração do Cadastro Único em dezembro de 2020.
 Fonte: Cadastro Único. Elaboração Própria.

Além da renda, destaca-se que a situação de vulnerabilidade é ampliada pelas características demográficas dessa população. Das aproximadamente 7 mil MEIs, um terço (2.379) são mães solteiras. Do total de MEIs que se declaram ocupados (2.329), novamente certa de um terço (705) são mães solteiras chefes de domicílio. Tais mulheres enfrentam múltiplos desafios durante a pandemia: além tomar precauções para evitar o contágio do vírus de si própria e de seus filhos, ela também enfrenta escolas e sua atividade econômica fechadas.

5 Consequências gerais da recessão

Há outros aspectos importantes já documentados em diversas pesquisas que merecem destaque diferenciado. O primeiro são as estimativas de sensibilidade entre a taxa de desemprego geral da economia (uma clássica medida de desempenho econômico associada à produção da economia) e a taxa de desemprego de grupos socioeconômicos específicos. O espírito desses estudos está em checar se há heterogeneidade na sensibilidade da taxa de desemprego entre diferentes grupos da sociedade. Para os Estados Unidos há o trabalho de [Hoynes, Miller and Schaller \(2012\)](#), enquanto para o Brasil o de [Foguel and Franca \(2018\)](#).

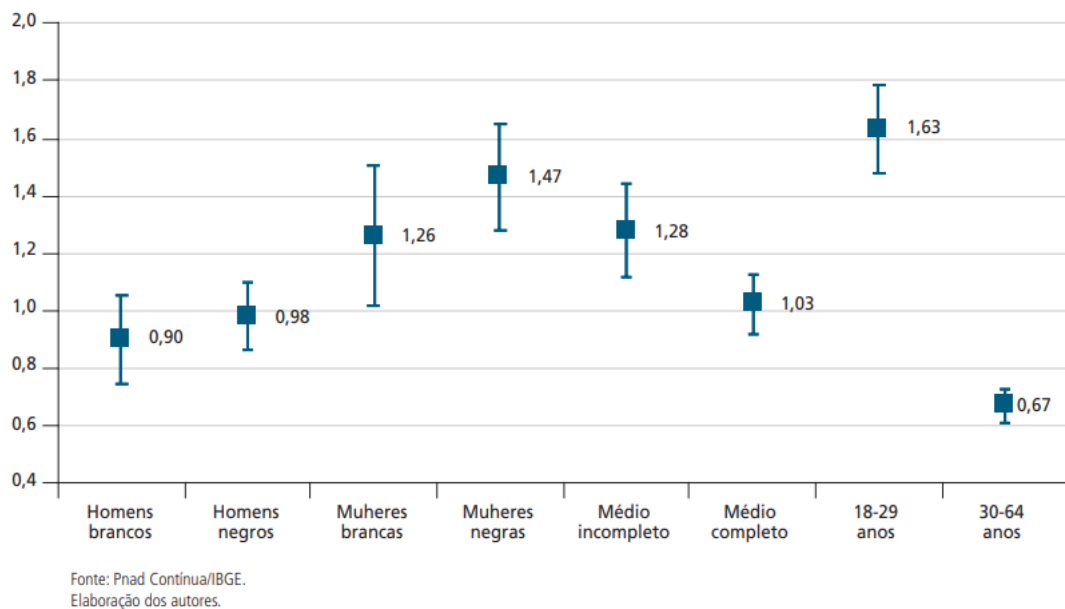
Este último traz interessantes estatísticas dessa sensibilidade para as Unidades da Federação

(UF). Por exemplo, como os próprios autores citam no texto, em média, quando a taxa geral de desemprego aumenta em 1 ponto percentual em uma UF, a taxa de desemprego das mulheres negras daquela UF aumenta em 1.5 pontos percentuais, o que não é observado para taxa de desemprego de homens brancos. Para os jovens, pessoas de 18 a 29 anos de idade, a estimativa dessa sensibilidade é de 1.63 pontos percentuais, ao passo que entre o grupo de pessoas de 30 a 64 anos de idade apenas 0,67. É notório que há efeitos heterogêneos para determinados grupos demográficos, conforme gráfico a seguir.

Figura 12: Efeito heterogêneo na taxa de desemprego

Efeito da taxa de desemprego por UF sobre a taxa de desemprego por grupo de sexo/cor, escolaridade e faixa etária

(Em p.p.)



Fonte: Gráfico retirado de Foguel and Franca (2018), p. 76.

Este resultado para os jovens merece um pouco mais de atenção. Não é de hoje que muitas pesquisas documentam os desafios que envolvem a inserção de jovens no mercado de trabalho. A falta de experiência prévia, a menor produtividade e os custos subjacentes envolvidos com os ganhos de experiência formam, ao mesmo tempo, barreiras para entrada no mercado de trabalho e fatores de risco que os colocam entre os primeiros a perderem o emprego em momentos de adversidade da economia.

A dificuldade de inserção, o maior risco de desemprego e a colocação em postos de trabalho de pior qualidade (ou deslocados da área de formação) trazem consequências severas para o desenvolvimento profissional com possíveis desdobramentos negativos por toda vida laboral em termos de oportunidades e salários.

Há dois fenômenos importantes que preocupam neste contexto de inserção do mercado de trabalho dos jovens: a famosa geração geração “nem-nem”, a qual diversos estudos documentam seus determinantes e suas consequências, e a geração de pessoas com diploma de educação superior, mas que não estão atuando no mercado de trabalho. Ainda não há para o Brasil, ao menos sob conhecimento dos autores deste documento, estudos que estejam dedicados a entender e investigar o papel que a crise da COVID-19 tem tido no fomento destas duas situações, mas especula-se que a relação seja perversa.

No caso específico do Rio Grande do Sul, e, por consequência, de Porto Alegre também, está o envelhecimento da população. A última década da pesquisa econômica foi marcada por diversos estudos dedicados a entender a relação do envelhecimento populacional com uma suposta estagnação duradoura da economia (Summers, 2013, 2015; Maestas, Mullen and Powell, 2016; Acemoglu and Restrepo, 2017; Eggertsson, Lancaster and Summers, 2019). Há vários mecanismos que garantem essa ligação como a queda da força de trabalho e da produtividade de trabalho. A minimização dos efeitos da estagnação secular pode ser obtida com aumento da produtividade da força de trabalho empregada (que pode ser dada pela acumulação de capital geral – via educação – e específico via o processo de *learning by doing* – o que não é possível com desemprego) ou com aumento do uso de tecnologia – automação dos processos e a aplicação de inteligência artificial.

Fica claro que a participação dos jovens no mercado de trabalho adquirindo experiência e produtividade de acordo com a idade, em um contexto de envelhecimento populacional, é crucial para uma trajetória de crescimento econômico de longo prazo. Os efeitos de uma crise econômica severa que se estende por muito tempo pode ter consequências duradouras. Isso que os danos na acumulação de capital humano das coortes em idade escolar não estão sendo discutidos e contabilizados nesta nota, mas sem dúvidas, pela extensão da crise e pela duração dos momentos sem atividade escolar, especula-se que deverão ser substanciais os prejuízos com desdobramentos heterogêneos segundo grupos demográficos, sociais e econômicos.

Há, ainda, a relação de crises econômicas com dimensões de desenvolvimento humano e social. Estudos demonstram, por exemplo, a relação entre performance econômica e violência. Britto, Pinotti and Sampaio (2020), usando dados para o Brasil, encontram indícios de que a perda de emprego pode aumentar, em média, em 23% a probabilidade de envolvimento com atividades criminosas no ano seguinte à demissão.

Diversas pesquisas internacionais e nacionais também relacionam desempenho da economia com a saúde da população. Com dados nacionais para o período compreendido entre 2012 e 2017, Hone et al. (2019) Estimam que um aumento de 1 ponto percentual na taxa de desemprego é as-

sociada a um aumento de 0,5 na mortalidade (considerando todas as possíveis causas). [Doerr and Hofmann \(2020\)](#) em um estudo amplo envolvendo 180 países durante seis décadas, demonstraram que recessões são sistematicamente associadas a maiores taxas de mortalidade para o geral da população, especialmente em países emergentes, e com taxas de mortalidade infantil.

Em suma, os danos de uma recessão econômica ultrapassam os efeitos das variáveis econômicas, gerando efeitos colaterais de primeira e de segunda ordem em indicadores de segurança, saúde e educação.

6 Considerações Finais

A presente nota técnica teve por finalidade informar a sociedade porto-alegrense sobre a relevância dos setores classificados como "não essenciais" pelo modelo de distanciamento social controlado do Governo do Estado do Rio no Grande do Sul na composição da massa salarial e no emprego da cidade. Foram exploradas heterogeneidades importantes sobre o perfil do emprego. Dados da PNAD e do Cadastro Único também foram explorados para que o objetivo proposto fosse alcançado.

Pelas estatísticas expostas, fica evidente que os setores classificados como não essenciais são fundamentais para o funcionamento do tecido econômico de Porto Alegre. O volume de emprego e a significativa massa salarial gerada nesses setores são pilares da vida da cidade. A representatividade dos trabalhadores da cauda inferior da distribuição de salários nessas atividades reforça que os efeitos perversos do momento atípico que vivemos afetam de forma desproporcional as famílias mais vulneráveis.

A pesquisa científica documenta que recessões econômicas afetam de forma heterogênea diferentes grupos sociais, econômicos e demográficos, sendo aqueles grupos sabidamente caracterizados por características de vulnerabilidade mais atingidos ([Hoynes, Miller and Schaller, 2012](#)). As estatísticas apresentadas nesta nota técnica indicam o custo que o modelo de controle da pandemia deve exercer no ambiente econômico de Porto Alegre.

A boa gestão pública sustenta-se em um constante processo de monitoramento e avaliação das políticas públicas. O caráter não experimental da implementação de políticas públicas e programas sociais gera um desafio reconhecido para o estabelecimento de relações causais entre as políticas e os desfechos de interesse. Contudo, impera a necessidade de que os efeitos das políticas implementadas para o enfrentamento da pandemia sejam investigados com a technicalidade adequada para tanto, no maior número possível de dimensões nas quais efeitos diretos e indiretos, colaterais ou não, possam se materializar.

Referências

- Acemoglu, D. and Restrepo, P., 2017. Secular stagnation? the effect of aging on economic growth in the age of automation. *American economic review*, 107(5), pp.174–79.
- Britto, D., Pinotti, P. and Sampaio, B., 2020. The effect of job loss and unemployment insurance on crime in brazil.
- Doerr, S. and Hofmann, B., 2020. Recessions and mortality: a global perspective.
- Eggertsson, G.B., Lancastre, M. and Summers, L.H., 2019. Aging, output per capita, and secular stagnation. *American economic review: Insights*, 1(3), pp.325–42.
- Fernandes, N., 2020. Economic effects of coronavirus outbreak (covid-19) on the world economy. *Available at ssrn 3557504*.
- Foguel, M.N. and Franca, M.A.P., 2018. A sensibilidade do desemprego às condições da economia para diferentes grupos de trabalhadores.
- Hone, T., Mirelman, A.J., Rasella, D., Paes-Sousa, R., Barreto, M.L., Rocha, R. and Millett, C., 2019. Effect of economic recession and impact of health and social protection expenditures on adult mortality: a longitudinal analysis of 5565 brazilian municipalities. *The lancet global health*, 7(11), pp.e1575–e1583.
- Hoynes, H., Miller, D.L. and Schaller, J., 2012. Who suffers during recessions? *Journal of economic perspectives*, 26(3), pp.27–48.
- Maestas, N., Mullen, K.J. and Powell, D., 2016. *The effect of population aging on economic growth, the labor force and productivity*. National Bureau of Economic Research.
- McKee, M. and Stuckler, D., 2020. If the world fails to protect the economy, covid-19 will damage health not just now but also in the future. *Nature medicine*, 26(5), pp.640–642.
- Nicola, M., Alsafi, Z., Sohrabi, C., Kerwan, A., Al-Jabir, A., Iosifidis, C., Agha, M. and Agha, R., 2020. The socio-economic implications of the coronavirus and covid-19 pandemic: a review. *International journal of surgery*.
- Ozili, P.K. and Arun, T., 2020. Spillover of covid-19: impact on the global economy. *Available at ssrn 3562570*.
- Summers, L., 2013. Why stagnation might prove to be the new normal. *Financial times*, 15, p.12.
- Summers, L.H., 2015. Demand side secular stagnation. *American economic review*, 105(5), pp.60–65.